

10 May –
27 June 2014

Opening: 10 May, 4 – 8 pm

Tuesday to Saturday
2 – 7 pm

Shadow piece
Sophie Whettnall

VERA
CORTÊS
ART
AGENCY

Photography: BrunoLopes

Av. 24 de Julho, 54 – 1º E, 1200-868 Lisbon, Portugal (+351) 213 950 177 (+351) 924 288 333 www.veracortes.com

Vera Cortês Art Agency apresenta *Shadow piece*, a terceira exposição individual da artista Sophie Whettnall (Bruxelas, 1973) em Lisboa. O trabalho de Sophie Whettnall tem vindo consistentemente, desde o final dos anos noventa, tanto a refletir sobre, como a materializar e registar as forças que definem a nossa relação com o mundo que nos rodeia.

Falar do trabalho de Sophie Whettnall, e desta exposição em concreto, implica falar da sua já longa relação com a luz. Em *Recording the Light* (2001), por exemplo, peça realizada durante uma residência em Barcelona, a artista marcou no espaço do seu ateliê, e recorrendo a um material tão simples como fita autocolante, o local onde a luz que entrava pelas janelas encontrava o pavimento e as paredes do seu espaço de trabalho. Com o passar do dia, a luz deslocava-se e esse movimento era continuamente registado até à obtenção de uma instalação-desenho que pretendia de forma muito direta refletir sobre a natureza da luz, capturando-a, delimitando-a ou simplesmente quantificando-a.

Ao refletir sobre a luz, documentando-a, Sophie Whettnall interessa-se simultaneamente pela sua ausência, ou seja, por aquela zona em que os objetos bloqueiam a sua passagem, criando uma área de penumbra a que chamamos, simplesmente, sombra. Uma versão mais ambiciosa de *Recording the Light*, apresentada também em Barcelona no ano seguinte, mas assumindo a forma de intervenção no espaço público, partia do mesmo pressuposto formal, o registo temporal do movimento da luz, registando sombras causadas por uma estrutura metálica existente numa praça da cidade. O desenho resultante desta intervenção monumental constituía-se como um mapeamento de algo impercetível e imaterial, o movimento das sombras ao longo do dia.

O vídeo *Shadow Boxing* (2004) documenta a artista imóvel, em pé, frente a um pugilista que a ataca freneticamente sem nunca a atingir. A proximidade dos golpes é assustadora e é recebida com uma aparente serenidade performativa por Whettnall. Um olhar mais atento revela no entanto que a sombra do lutador, devido à sua proximidade, toca efetivamente o corpo da artista, que não se consegue defender desta investida imaterial. O resultado é um ataque físico de uma sombra a um corpo tangível, humano, feminino, que apesar da violência exercida se mantém incólume.

Assim, podemos afirmar que a relação que Whettnall estabelece com a luz, ou com a sua ausência, tem sido uma tentativa recorrente de possuir materialmente algo que não é passível de ser categorizado como um objeto (dualidade onda-partícula à parte), e consequentemente impossível de possuir. Esta impossibilidade tende a ser resolvida pela artista através da prática do registo: ainda que não consiga possuir efetivamente a luz, consegue, no entanto, obter uma prova bastante tangível dos seus efeitos. Tal registo pode ser mediado tecnologicamente, como em *Bling Bling II*, um vídeo de 2014 onde, devido a um problema tecnológico (um instrumento de qualidade inadequada à tarefa proposta), a artista torna visíveis, e tangíveis, numa típica paisagem solar, os efeitos da luz, mas pode também recorrer a dispositivos escultóricos ou arquitetónicos, que permitem, não capturar a luz, mas guiá-la e moldá-la de forma a produzir um determinado efeito.

No seguimento da sua reflexão sobre as sombras, que encontramos na série *Femme sans Ombre* (2013) o trabalho que agora apresenta na Vera Cortês Art Agency pode ser entendido como uma homenagem à luz. Assim, um conjunto de quatro peças escultóricas bloqueia a entrada principal de luz natural do espaço expositivo, as grandes janelas viradas para o rio, e força a luz a comportar-se de maneira específica. Através de um processo de trabalho vincadamente físico, em que depois de pintar a madeira, Whettnall cria, num gesto violento que podíamos já encontrar em *Shadow Boxing*, os inúmeros orifícios que permitem a passagem da luz. Apesar da destruição exercida sobre a madeira, o resultado obtido é sereno e imaterial, criando um jogo de luz e sombra, de presença e ausência, que se transfigura ao longo do dia e durante a duração da exposição. Whettnall parece assim ter operado uma alteração nesta sua relação de longa data com a luz, já não tão centrada em ideias de posse e registo, mas mais vinculada a uma dimensão de compreensão e utilização, como se em vez de guardá-la, fizesse agora mais sentido moldar, domesticar talvez, a luz no seu trabalho.

Sophie Whettnall nasceu em 1973, em Bruxelas, cidade onde vive e trabalha. Whettnall expõe regularmente o seu trabalho desde o final da década de noventa destacando-se a sua participação na 52ª edição da Bienal de Veneza. Uma seleção das suas exposições individuais inclui, para além da exposição que agora apresenta em Lisboa, *Moving Mountains*, Moriarty, Madrid, Espanha, 2007 / *In two minds*, Vera Cortês Art Agency, Lisboa, Portugal, 2007 / *Red Snow*, Casa Velasquez, Madrid, Espanha, 2006 / *Shadow boxing, conversation piece*, La Chocolataria, Santiago de Compostela, Espanha, 2006 / *Üppland*, Le Blac, Bruxelas, Bélgica, 2004. O seu trabalho foi mostrado em inúmeras exposições coletivas, destacando-se *Shadow Boxing*, 52ª Bienal de Veneza, Itália, 2007 / *A viaxe. Novas peregrinacions*, CGAC e Museo das Peregrinacions, Santiago de Compostela, Espanha, 2007 / *Tancat pres obres*, COAC, Barcelona, Espanha, 2002 / *Air liquide, Eau Gazeuse*, Centre d' Art Contemporain Cimaise et Portique, Albi, França, 2001 / *Prix de la Jeune Peinture Belge*, Palais des Beaux-Arts de Bruxelles, Bélgica / *18th World Wild Video Festival*, Montevideo, Amsterdão, 2000 / *Entre deux*, Museum voor Fotografie, Antuérpia, Bélgica / *Moving images*, Tank.tv, ICA digital studio, Londres, Inglaterra, 2004.

Vera Cortês Art Agency is proud to present *Shadow piece*, the third solo show in Lisbon by artist Sophie Whettnall (Brussels, 1973). Since the late 1990's Whettnall's work has been a reflection on the forces that define our relation with the world around us, materializing and documenting them.

When writing about Sophie Whettnall's work, and particularly about this exhibition, it is necessary to describe her long relation to light. In *Recording the Light* (2001), a piece produced during a residency programme in Barcelona, the artist registered, in her studio space and using tape, the place where light coming through the windows met the surface of the floor and walls. As the day progressed, the light changed orientation and its movements were continually registered by the artist, until she obtained a drawing-installation that was intended as a direct reflection on the nature of light, capturing it, confining it, or simply quantifying it.

By focusing on light, and documenting it, Sophie Whettnall is also interested in its absence, *i.e.*, the zones in which its passage is blocked by objects; creating the areas of penumbra we call shadows. A more ambitious version of *Recording the Light*, also presented in Barcelona during the following year—but as an intervention in a public space—originated from the same formal postulate: the temporal documentation of the movement of the light, registering the shadows projected by a metallic structure existing in a town square. The drawing originating from this monumental intervention was presented as the mapping of something that was both imperceptible and immaterial; the movement of the shadows throughout the day.

The video *Shadow Boxing* (2004) portrays the artist standing still, facing a boxer that repeatedly throws punches at her. Even if he never really gets to land a punch on her, the proximity of every throw is upsetting for the viewer, but received by Whettnall with apparent performative serenity. However, a closer look reveals that the fighter's shadow, due to its proximity, does touch the artist's body, unable to defend itself from this immaterial assault. The result is a physical attack directed from a shadow towards a tangible human, feminine body that, despite the violence it is subjected to, remains unscathed.

Thus, we can claim that the relation Whettnall establishes with light, or with its absence, has been a recurring attempt to materially possess something that is not possible to be categorized as an object (wave-particle duality excluded), and consequently impossible to retain. This impossibility tends to be solved by the artist through documentation: even if light cannot be properly appropriated, it is however possible to produce tangible proof of its effects. This register can be technologically mediated, as it happens in *Bling Bling II*, a video dating from 2014 in which, through a technical deficiency (an inadequate instrument for its proposed task), the artist makes visible and tangible the effects of light on a typical solar landscape. The artist also makes use of sculptural and architectural devices that allow her to guide and shape light in order to produce a predetermined effect, without capturing it.

In continuity with the artist's reflection on shadows, *Femmes sans Ombre* (2013), the work now being presented at Vera Cortês Art Agency,

can be seen as an homage to light. A series of four sculptural pieces block the main light sources of the exhibition space, the large windows facing the river Tejo, and force the light to behave in a predetermined way. After painting the wood, carving it in an overtly physical process, reminiscent of the violent gestures found in *Shadow Boxing*, Whettnall creates a number of holes that allow the passage of light. Despite the destruction operated on the wood, the result is serene and immaterial; creating a play of light and shadows, presence and absence, that transfigures itself during the day and throughout the duration of the exhibition. Whettnall seems to have undergone a change in her long working relationship with light, which is now less focused on the ideas of possession and documentation, but closer to a dimension of comprehension and manipulation. It is as if, instead of just appropriating it, it now makes more sense to shape, or even tame, the presence of light in her work.

Sophie Whettnall was born in 1973, in Brussels where she currently lives and works. Whettnall has been regularly exhibiting her work since the late 1990's. We highlight her participation in the 52nd Venice Biennial. Beside the exhibition she will now present in Lisbon, a selection of her solo shows includes *Moving Mountains*, Moriarty, Madrid, Spain, 2007 / *In two minds*, Vera Cortês Art Agency, Lisbon, Portugal, 2007 / *Red Snow*, Casa Velasquez, Madrid, Spain, 2006 / *Shadow boxing, conversation piece*, La Chocolataria, Santiago de Compostela, Spain, 2006 / *Üppland*, Le Blac, Brussels, Belgium, 2004. Her artwork has been shown in multiple group shows, among others: *Shadow Boxing*, 52nd Venice Biennale, Italy, 2007 / *A viaxe. Novas peregrinacións*, CGAC and Museo das Peregrinacións, Santiago de Compostela, Spain, 2007 / *Tancat pres obres*, COAC, Barcelona, Spain, 2002 / *Air liquide, Eau Gazeuse*, Centre d'Art Contemporain Cimaïse et Portique, Albi, France, 2001 / *Prix de la Jeune Peinture Belge*, Palais des Beaux-Arts de Bruxelles / *18th World Wild Video Festival*, Montevideo, Amsterdam, 2000 / *Entre deux*, Museum voor Fotografie, Antwerpen, Belgium / *Moving images*, Tank.tv, ICA digital studio, London, England, 2004.